

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade*, uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 287 p.

Durante muitos anos os trabalhos sobre a escravidão no Brasil restringiram-se, sobretudo, ao estudo do meio rural, o que, de certa forma, é compreensível: afinal, o braço escravo foi o sustentáculo da economia agroexportadora por quatro séculos. Isto, entretanto, levou a generalizações danosas (ao se pensar, por exemplo, o escravo urbano a partir do que se conhecia do escravo rural), que só nos anos 80, particularmente, começaram a ser questionadas com o aparecimento de trabalhos que se detiveram no estudo das formas que a escravidão tomou no meio urbano. É nesta linha que se insere o trabalho de Sidney Chalhoub, *Visões da Liberdade*, originariamente apresentado como tese de doutorado em História na UNICAMP.

Ao estudar como os escravos do Rio de Janeiro nas últimas décadas do século XIX pensavam o mundo e atuavam sobre ele, o autor coloca em xeque posições arraigadas no imaginário acadêmico e polarizadas, de um lado, pelo "escravo-coisa", incapaz de agir de acordo com lógicas ou racionalidades próprias, e, de outro, pelo "escravo-herói", que só consegue firmar sua condição humana através de atos extremos de rebeldia (p.42).

Debruçado sobre uma rica documentação, composta de processos criminais e de ações cíveis de liberdade (processos através dos quais os escravos buscavam conseguir sua alforria), ele mostra como um sem-número de escravos procurou, no cotidiano, mudar sua condição através de mecanismos e de estratégias mais ou menos previstas na sociedade em que viviam. A extinção da escravidão aparece aí não mais como "dádiva", mas revela-se como conquista firmada no dia-a-dia de milhares de escravos que deixam agora o anonimato e se apresentam como construtores de sua própria história.

São centenas de personagens, cujos atos e vozes permaneceram desconhecidos por mais de um século e que agora atravessam as páginas do livro, revelando-nos, através de seus dramas e lutas, os embates que perpassavam a sociedade brasileira da segunda metade do século passado. E o que surge é um quadro ainda pouco explorado da escravidão: negros que atravessam o país de alto a baixo para recomporem laços desfeitos pela lógica das trocas ou para retornarem a seus locais de origem; escravos que interferem nos rumos dos "negócios da escravidão", negando-se a seguir o destino traçado em uma transferência de propriedade; escravos que recorrem à Justiça contra seus senhores; cativos que vivem como homens livres, com eles se confundindo.

Através dessas histórias densas de "momentos-limite" na vida dos escravos (o momento da venda, da luta pela alforria, das rupturas), algumas "certezas" saem abaladas, se não desfeitas: a venda de um escravo deixa de ser uma simples transação comercial; a alforria deixa de ser tão somente uma estratégia de dominação dos senhores; o território do escravo não é mais aquele espaço designado pelo senhor.

Nesse processo de construção de um devir social por parte do escravo, pouco a pouco vai tomando forma, através das páginas do livro, a construção de uma "cidade negra", elemento essencial para a desconstrução dos significados da escravidão. O sistema de ganho, colocando o escravo na rua e conferindo-lhe autonomia de movimentos para maximização do investimento feito pelo senhor, implicará a separação física de senhores e escravos; ou seja: escravos morando sozinhos, movimentando-se autonomamente e tendo um modo de vida próprio e independente. Em suma: "vivendo sobre si" - como reveladora e deliciosamente a crônica da época consigna - em cortiços e casas de cômodos, confundindo-se com os livres e libertos, tornando-se fugidios ao controle tanto por parte do senhor quanto do poder público.

Ora, a lógica do trabalho compulsório implicava controle direto e estrito, condição esta que não mais se podia preencher eficazmente no meio urbano. A cidade negra se transforma, então, na cidade do medo branco. Neste ponto Chalhoub coloca-se na fronteira das posições defendidas por R. Wade e por C. Goldin, sugerindo uma complementariedade entre essas duas abordagens aparentemente contraditórias: para Wade, a decadência da escravidão das cidades americanas se explica pelas dificuldades no controle social; para Goldin, pela drenagem, pelo campo, da mão-de-obra escrava das cidades.

Sem contestar que pode ter sido um bom negócio para os proprietários urbanos venderem seus escravos para os fazendeiros do café, já na época da proibição do tráfico, Chalhoub insinua que, nessa decisão, por trás de interesses econômicos, se escondia também uma estratégia de "desafogar" a cidade do elemento escravo, por questões de segurança coletiva dos senhores. Na mesma linha, a decisão de alforriar e a hostilidade crescente contra os senhores que infligiam maus-tratos a seus escravos (o que, em última instância, implicava, pelo menos em parte, maior sensibilidade às idéias abolicionistas) comparecem como elementos importantes a considerar na falência do sistema escravista. Neste sentido, a cidade negra, cidade do medo, torna-se elemento-chave para a compreensão do processo histórico que levou à extinção da escravidão no Brasil.

Ser um trabalho em que é desvendado um capítulo essencial da história da escravidão no Brasil não é o único mérito de *Visões da Liberdade*; eu diria mesmo que não é possível entender a cidade brasileira de até o século XIX (e, quem sabe, até os dias de hoje...) sem mergulhar fundo na compreensão das formas tomadas pelo escravismo no meio urbano. E para isto o livro de Sidney Chalhoub é um instrumento da maior importância. De leitura extremamente agradável, ele é um exemplo a mostrar que profundidade e acuidade de análise podem existir sem o ranço acadêmico tão comum em trabalhos escritos por e para estudiosos.

Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes*

* Professor da Faculdade de Arquitetura da UFBA.